

## **Corpos em Confinamento**

José Eduardo Silva

Comecei este texto no dia 20 de abril do ano de 2020, algures na quinta semana de confinamento da pandemia por conta do coronavírus Covid-19. Confesso que sem a

expansão do meu corpo no espaço, a minha capacidade de pensar tem ficado bloqueada. Por vezes tenho mesmo que sair de casa para a minha mente poder voltar a si.

Eram 11h07. O site <https://www.worldometers.info/coronavirus/> indicava, em nível mundial, 2.418.845 de pessoas infectadas e 165.759 casos confirmados de morte por Covid-19. Estes são números “oficiais” e a comunicação social nos lembra regularmente que os números reais devem ser bem mais elevados. Reina uma incerteza líquida, tal como antecipado por Zygmunt Bauman. Não existe tratamento conhecido para esse vírus, mas sabe-se da sua grande resistência e capacidade de propagação. Ninguém sabe se está imune, mas sabe-se do efeito devastador do vírus em pessoas vulneráveis. Face ao imperativo de conter a epidemia, egoísmo e altruísmo fundem-se numa mesma narrativa de apelo ao isolamento social e ao confinamento para evitar o colapso do sistema de saúde.

Trata-se de um momento histórico, pois parece ser a primeira vez que um número tão grande de pessoas em nível mundial, explicitamente e de livre vontade, aceita uma tal restrição à sua liberdade individual. Mas para as atividades performativas, que há muito convivem com a incerteza, o isolamento social está a ser duplamente trágico. Por um lado, representa tudo aquilo contra o que temos lutado ao longo dos tempos, uma vez que cada atividade performativa presencial é um passo de resistência contra o individualismo, a desimplicação e a alienação social. Por outro, a grande maioria desses profissionais não tem contrato de trabalho ou vínculo estável, e só tem remuneração quando está efetivamente em cena ou em processo de ensaios. Na medida em que, desde o início da pandemia, todos os espectáculos foram cancelados, vive-se em perda e teme-se pelo futuro: será o novo “normal” tornar-se produtivo confinado em casa? Procurar não afetar a economia para que no fim tudo continue igual? Poderemos continuar a não nos tocar? A não nos aglomerar? A não trocar impressões sem ser através das redes sociais? A não reivindicar conjuntamente e presencialmente aquilo que nos parece injusto? A ser passivos e aceitar – sem questionar – todas as contingências? É apenas a médio e longo prazo que as consequências desse funcionamento humano confinado às tecnologias produtivas a partir de casa se irão fazer sentir, mas sabemos que isso poderá materializar os nossos piores pesadelos. Por um lado, urge quebrar o isolamento o mais rapidamente possível, por outro sabemos que isso acarretaria enormes riscos.

Sem uma alternativa razoável, este imperativo parece fazer lembrar a famosa máxima “There is no Alternative” (ou TINA) – popularizada pelos governos de Margaret Thatcher e Ronald Reagan na década de 1980. O imperativo TINA propunha uma submissão concreta dos cidadãos às necessidades (arbitrárias) da economia, numa altura em que a sua financeirização ainda estava a dar os primeiros passos. Os resultados dessas políticas estão à vista e traduziram-se numa progressiva perda de poder reivindicativo, de empatia, de solidariedade e de laços sociais, ao mesmo tempo que o individualismo e a competição se tornaram, cada vez mais, a norma.

O imperativo do confinamento enquanto comportamento social generalizado parece, pois, poder agudizar cada vez mais a promoção do individualismo, para um nível quase “biopolítico” de controle corporal – talvez apenas antecipado por Michel Foucault. Só que há uma inversão desconcertante nesse processo de isolamento social: este confinamento também está a corroer a economia mundial.

O que poderá significar isso?

O fato de esse vírus ter sido provavelmente originado na natureza opera um rude golpe na arrogância antropocentrista com que uma certa cultura humana se tem vindo a impor à natureza, a todas as outras espécies de seres vivos (especismo) e até mesmo a outros elementos da espécie humana (racismo, xenofobia, patriarcalismo, transfobia, homofobia entre muitas outras). Somos assim brutalmente lembrados de que tudo à nossa volta é natureza, incluindo nós próprios. Que os abusos que queiramos impor à natureza são aqueles que iremos sofrer. Que a natureza irá continuar a existir dentro das suas próprias regras e que se os humanos também quiserem continuar a existir têm que aprender a reconhecer e respeitar essas regras em si mesmos.

As dicotomias em relação à natureza têm que ser urgentemente repensadas. Talvez como nunca antes, torna-se óbvio que a vida humana e o sistema econômico dominante são profundamente incompatíveis. Eis a situação em que estamos: ou reduzimos as nossas atividades ao mínimo necessário (redescobrimo o que é “necessário”) e destruimos a economia mundial; ou reabrimos as atividades econômicas e corremos o risco de nos destruir e aos nossos entes queridos.

# Performatus



Fotografias de Paulo Pimenta/ Público

Hoje, 28 de abril, em que o número global subiu para 3.183.982 de infectados e 225.133 mortos, sabemos que não correr esse risco é zelar pela sobrevivência e reinvenção do todo coletivo. É cada vez mais evidente que a lógica de produção e descartabilidade massificadas, que estão na base do sistema econômico atual, é uma aberração que, como relembra Bernard Stiegler, nos instrumentaliza e aprisiona num ciclo vicioso tóxico, do qual urge sair. Não será fácil iniciar essa transição, mas é imperativo que tal aconteça.

No último sábado, 25 de abril, festejamos, confinadxs em casa, o dia da Liberdade, o que foi bastante irônico. Ainda assim foi o momento mais alto deste confinamento. Fiquei emocionado ao cantar com os meus vizinhos e vizinhas – cada um da sua janela – a canção que foi senha da revolução “Grândola, Vila Morena”, de Zeca Afonso. Enquanto cantávamos uns para os outros, de cravo vermelho na mão, pareceu-me que todxs tivemos a certeza de que é preciso resistir. Que todxs sabemos que a revolução de abril é obra inacabada, que os obstáculos são muitos e que é imprescindível estarmos próximos, nem que seja para juntar as nossas vozes. Os desafios de mudança que hoje enfrentamos são enormes. Nenhum corpo estará a mais. Nenhuma voz é dispensável.

*José Eduardo Silva é ator e encenador desde 1994 e atualmente é investigador Sênior do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM). Fundador do Teatro do Frio (2005), tem trabalhado em companhias como o TNSJ (desde 1999), o Teatro Stabile Torino (2005) e Teatro Oficina (desde 2007), entre muitas outras. O seu trabalho tem sido apresentado em países como Itália, Brasil, Japão, França, Espanha e Marrocos.*

## PARA CITAR ESTA PUBLICAÇÃO

RAYNER, Francesca (Org.). “Corpos em Confinamento”. eRevista Performatus, Inhumas, ano 8, n. 21, jul. 2020. ISSN: 2316-8102.

Revisão ortográfica de Marcio Honorio de Godoy

Edição de Mãe Paulo

© 2020 eRevista Performatus e xs autorxs